

1ª PARTE

ESTUDOS

Grupo SEARA, Amizade e Literatura

Beatriz Alcântara

Várias jovens, um grupo, emoção literária, gavetas repletas de contos, poemas, crônicas e mesmo ensaios, muito questionamento sobre a escrita feminina, uma revista, três revistas, sete revistas no total, muito ânimo a unir, inicialmente dez escritoras e, sem perceber, encontramos-nos amigas.

Aproximando essas mulheres que escreviam, uma espécie de linha oblíqua foi sendo traçada, bem à feição feminina, aquela coisa persuasiva, a driblar obstáculos, tangenciando oposições, enquanto expandiam domínios e assenhoreavam-se de uma verdade que antes teria sido inacessível de tão limitada se achar aprisionada entre linhas paralelas.

Pensamento e ação passaram a estar ligados em sutil descoberta. O achado veio consciente, erigiu e forneceu sustentabilidade a um projeto literário, originou-se o **Grupo SEARA de Literatura**.

Primeiro encontro formal. Fernanda Benevides de Vasconcelos, que assim assinava à época, chamou, reuniu, acolheu e agrupou, na sala de sua casa escritoras que lhe eram mais próximas.

Um aspecto único preencheu a reunião dos primeiros aos últimos instantes: as escritoras se mostravam descontentes com a inércia a que estavam submetidas por não terem onde publicar sua escrita desconhecida de público, portanto, afastadas do leitor e de um salutar julgamento crítico.

Amigas das amigas foram chamadas para um segundo encontro. Várias reuniões informais aconteceram, o local foi-se deslocando da residência de uma para outra, e o grupo foi tomando corpo e consciência.

Eram dez escritoras a reunirem-se para discutir a produção e o universo literários femininos, algumas estreantes, experientes outras: Ângela Barros Leal Farias, Beatriz Alcântara, Christina Cabral, Dulce Ma-

ria Viana, Fernanda Benevides Vasconcelos, Glícia Rodrigues, Isa Magalhães, Marly Vasconcelos, Mary Ann Leitão Karam e Regine Limaverde.

Primeira meta, iniciar a formação de um círculo de leitores do grupo SEARA. Decididas e sem temer recusa, as escritoras procuraram e expuseram sua proposta ao jornal *O Povo* que de pronto lhes cedeu o suplemento literário “O Povo Cultura”, para que a estreia ocorresse no domingo 29 de setembro de 1985.

Algumas reações e muito espanto com aquelas escritoras, muitas delas casadas, com filhos pequenos, uma delas com seis netos, todas se recusando a continuar sob a aquiescência masculina e dispostas a trilhar um caminho próprio, longe do estabelecido tema “flor-amor-dor-cor”. Diferentes de um esperado grupo feminino, gentil, elas discorreram sobre o círculo hermenêutico da compreensão e surgiram com versos secos: *Aprendi com o Nordeste/ a sobreviver sem inverno/ ou padecer de inundação*. Motivadas com a apresentação literária em jornal, o grupo firmou-se e passou a ter um rosto diante do público, contudo nem todas participaram do lançamento em jornal.

Marly Vasconcelos sugeriu um manifesto a expor os propósitos literários das escritoras. Fomos à luta e alcançamos o objetivo. Em 27 de fevereiro de 1986, o “Manifesto SEARA” estava impresso e passou a ser distribuído entre leitores, parceiros de letras e artes, amigos e familiares solidários.

Observem-se trechos: *Não propomos a simples criação de versos ou legendários personagens como forma de preencher o tempo ocioso. Lutamos pelo reconhecimento do nosso trabalho, nossa Literatura. – Não clamamos contra esta, aquela corrente literária. O que queremos é combater a paralisia, o emparedamento das nossas criações... Por que SEARA? Reflexo dos campos semeados. SEARA é eloquência telúrica, sol, corpo que germina. Se ara a Literatura... Plantio. Palavra. Verso. Narrativa. SEARA. Ceará. Resistimos unidas. Defendendo nosso terreno. Relativizando a geometria de seus limites. Esgarçando a linha da demarcação... SEARA – Arte Viva – Resistência – Discurso Feminino.*

Raros leitores e escassos elogios não desestimularam as escritoras que perseveraram na determinação de conseguir conquistar seu próprio espaço. Venceram. Um ano decorrido do início das reuniões, maio de 1986, enfim saiu o primeiro número de SEARA: revista de literatura.

Nessa publicação de SEARA, singela, mas inteiramente comprometida com a Literatura, cada escritora obteve seu próprio espaço. Toda autora tinha sua foto antecedendo uma curta entrevista e, logo após, um trabalho selecionado pelas editoras.

Continuamos com um reduzido número de leitores, mas isso em nada desmobilizou.

No segundo semestre do mesmo ano, 1986, editava-se outro número da revista, já com uma feição gráfica mais elaborada, tendo a Fundação Waldemar Alcântara como patrocinadora. Ampliou-se o quadro de autoras, além das fundadoras, participaram Joyce Cavalcante e Samira Abrahão.

Do editorial na segunda revista extrai-se: *Da união de forças tão díspares se faz SEARA. Seu objetivo não é outro senão o de divulgar esse discurso de mulher, feminino no melhor sentido da palavra, porquanto signo de linguagem do desejo... Desse desejo de sensibilizar e de se deixar sensibilizar... Desse desejo em forma pura: linguagem, texto que seduz, que alicia, que envolve... Nisto reside o fruto de nossa germinação... Trabalho aprimorado e burilado com todos os requintes do sabor.*

O grupo SEARA amadurecia. Não era possível perseguir um ideal literário continuando apenas a esvaziar gavetas. Havia que se urdir uma escrita que viesse com o novo e não mais o passado guardado, sem alento. As fundadoras resolveram submeter a terceira publicação a um tema, e como decorriam dez anos de morte de Clarice Lispector, seu universo literário foi a proposta de criação para a revista de 1987, a terceira, com o patrocínio do Grupo J. Macedo, do Ceará. Novas colaboradoras foram introduzidas.

O editorial da terceira publicação levantou polêmica, o discurso feminino: *Sem dúvida, existe uma expressão humana, independen-*

temente de sexo... A literatura expressa o eu do autor, a partir das peculiaridades da sua captação do mundo. A mulher, ao se expressar, sofre das contingências da situação social, psicológica e política do eu feminino. Este número é dedicado a Clarice Lispector. Que dissecou a individuação feminina com um questionamento inquisitorial e o fez num corpo-a-corpo com a linguagem.

No segundo semestre do mesmo 1987, saiu a quarta SEARA: revista de literatura, ainda patrocinada pelo Grupo J. Macedo.

O leque de colaboradoras continuou a expandir-se, com destaque especial para Aglaeda Facó Ventura, Olga Savary e Nelly Novaes Coelho.

Cumprindo os desígnios insondáveis de sua natureza camaleônica e feminina, a SEARA, número cinco, apareceu em 1988, com novas dimensões, nova diagramação, nova apresentação gráfica, tudo agraciado com o patrocínio do Ministério da Cultura – MINC e com o apoio da Fundação Waldemar Alcântara.

O editorial desafiou: *A SEARA, com nova aparência. Os cétricos certamente aproveitar-se-ão do fato para acusar... instabilidade feminina, coisa-de-mulher. Fato é que, acima de ser coisa-de-mulher, a SEARA se pretende coisa-de-literatura.*

Em 1989, com o patrocínio das Empresas M. Dias Branco e o apoio da Fundação Waldemar Alcântara, foi publicado o número seis de SEARA: revista de Literatura. A parcela de colaboradoras ampliava-se, sobressaindo Nilze Costa e Silva, Aíla Sampaio e as escritoras portuguesas afamadas, Teresa Rita Lopes e Agustina Bessa Luis.

Mais uma vez recortando o editorial: *Há uma concentração, proposital, do conto neste número... em função do encorajamento que esta forma literária recebe ao apreender o ilógico, o inexplicável e o fugaz momento da verdade contemporânea... nossa mostra oferece uma amálgama de neonaturalismo, alegoria, introspecção, erotismo, ironia, lirismo, política e sátira. Precisamos dizer como nos tem sido gratificante receber a opinião dos que nos leem, mesmo que discordem de nossa busca central: a existência de um discurso feminino na literatura.*

Saliente-se que desde a publicação dos primeiros números de SEARA: revista de Literatura, ficou expressa a vontade de que a pesquisa sobre o discurso feminino na literatura não fosse além de sete edições, tendo em vista as incontáveis dificuldades, o não haver uma organização formal do grupo, sequer hierarquia, apenas um improvisado entendimento sempre a tudo nortear. Achávamos, as fundadoras, que a amostragem com sete publicações era suficiente para concluir sobre a existência, ou não, do discurso feminino na Literatura. Todas sempre estiveram de acordo com a propósito de que o finalização do grupo deveria ocorrer em torno da sétima publicação. O fato consumou-se.

Marly Vasconcelos e Beatriz Alcântara redigiram o último edital das publicações. Retira-se essa passagem: *Sete. Totalidade do universo em movimento, renovação positiva, término, plenitude do tempo. SEARA significou desejo. Desejo de empreender travessias. SEARA cumpriu sua trajetória, ciclo completo, resguardando no corpo o desejo, nosso desejo, de encontrar na escrita a revelação do voo, a chama, o perfume, o ruído indizível.*

Extinta SEARA: revista de literatura, sob o protesto geral do público, então já havíamos conquistado leitores, evidenciava-se que muito ainda haverá para ser esclarecido sobre a existência ou não de um discurso feminino. Mas do que foi dado observar, por meio dos 116 trabalhos publicados, de 43 autoras, nos sete números de SEARA: revista de literatura, uma evidência: o registro onírico da dor e da solidão; uma profunda identificação com o ventre da terra; a sublimação pela água e de todas as restrições à sua aparentemente docilidade e o verso à sua incontável força. Em suma, uma simbiose imagética, ponte biológica, nutriz e placentária, uma natureza por si-mesma tão diversa da ação imediata própria ao universo masculino.

O pouso da noite encerrou o ciclo de SEARA, seu grupo e suas publicações. Primeiro semestre de 1991.